

BECKY ALBERTALLI
& ADAM SILVERA

Nova arte de
E se fosse a gente?
no verso da
sobrecapa

E SE A GENTE TENTASSE?




intrínseca

BECKY ALBERTALLI
& ADAM SILVERA

E SE
A GENTE
TENTASSE?

TRADUÇÃO DE CARLOS CÉSAR DA SILVA



Copyright © 2021 by Becky Albertalli e Adam Silvera
Publicado mediante acordo com os autores e BAROR INTERNATIONAL, INC.,
Armonk, Nova York, Estados Unidos.

TÍTULO ORIGINAL
Here's to Us

PREPARAÇÃO
Bruna Miranda

REVISÃO
Theo Araújo
Thaís Carvas
Thais Entriel

DIAGRAMAÇÃO
Ilustrarte Design e Produção Editorial

ARTE DE CAPA
© 2021 by Jeff Östberg

DESIGN DE CAPA
Erin Fitzsimmons e Alison Donalty

ADAPTAÇÃO DE CAPA
Anderson Junqueira

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

A289e

Albertalli, Becky, 1982-

E se a gente tentasse? / Becky Albertalli, Adam Silvera ; tradução de Carlos César da Silva. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Intrínseca, 2022.
368 p. ; 21 cm.

Tradução de: Here's to Us
Sequência de: E se fosse a gente?
ISBN 978-65-5560-437-5

I. Romance americano. I. Silvera, Adam. II. Silva, Carlos César da. III. Título.

22-77116

CDD: 813

CDU: 82-31(73)

Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária - CRB-7/6439

[2022]

Todos os direitos desta edição reservados à

Editora Intrínseca Ltda.

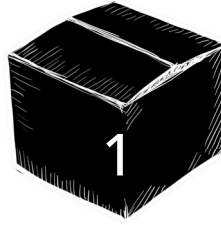
Rua Marquês de São Vicente, 99, 6º andar

22451-041 – Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br



BEN

Sábado, 16 de maio

E SE FOR PARA SER?

Essa pergunta surge em minha mente toda vez que penso nele. Sinto como se estivesse perdido há muito tempo, como uma caixa que teve a etiqueta de envio retirada durante o trajeto para o destinatário. Mas acho que finalmente alguém me encontrou.

Ele cortou a fita adesiva grossa da caixa e a abriu.

Do lado de fora, tem luz e ar.

Mensagens de bom-dia e noites juntos.

Conversas em espanhol e beijos.

Mario Colón.

Quando eu estava prestes a entrar na estação, Mario me mandou uma selfie na cadeira do dentista. Ele está usando camiseta branca e macacão jeans com uma alça solta, como se fosse a versão porto-riquenha do Super Mario que o mundo merece. Sua pele é lisa porque pelo visto ele não tem pelos no corpo, algo que o chateia às vezes, já que imagina que ficaria ótimo se tivesse a barba do Lin-Manuel Miranda. Seu cabelo escuro é cacheado, e a luz forte do consultório realça o brilho de seus olhos castanhos. Consigo ver sua língua no canto da boca, e mesmo quando ele faz gracinha, quero beijá-lo, como na primeira vez que fizemos o trabalho de escrita criativa juntos.

E em todas as cinquenta vezes depois disso.

Inseguro, rolo a conversa para analisar a foto que enviei para ele. Sempre tiro dezenas de selfies antes de encontrar uma digna de mandar para o Mario, já que ele é, com toda certeza, muita areia para o meu caminhãozinho, mas dessa vez precisei ser rápido porque o metrô já estava chegando. Segurei o celular acima da cabeça, checando se dava para ver a camiseta que ele tinha feito para mim. Quando Mario se formou no ensino médio, ele ganhou dos pais uma impressora para tecido e outros materiais, porque queria dar um charme extra às roupas. Semana passada, ele me surpreendeu com camisetas de *A Guerra do Mago Perverso* que têm o mesmo *lettering* da capa que Samantha criou para eu usar no Wattpad. Foi um presente muito especial. Até comecei a julgar a mim e as minhas fotos bem menos.

Mario e eu nos conhecemos no primeiro semestre da faculdade, na aula de escrita criativa. De primeira, podia jurar que ele seria um cara que faz o tipo Escritor de Ficção Muito Sério ou um ótimo autor de poesia *slam*. Acabou que ele não era nem uma coisa nem outra. Mario é roteirista e está na ativa desde que tinha onze anos, o que muitas vezes lhe trouxe problemas no ensino fundamental por fazer seus deveres de casa como se fossem roteiros de uma série de TV.

Ele foi a primeira pessoa que chamou minha atenção depois do término com meu ex-namorado, Arthur. Eu reparava quando Mario não aparecia nas aulas, admirava o quanto ele ficava bonito de macacão e gostava muito das golas altas que usava no inverno. Além disso, ele era confiante sobre a própria escrita de uma maneira que eu não conseguia entender — sempre orgulhoso, mas nunca convencido.

Na época, ainda havia muitos *e se?* na minha cabeça a respeito do Arthur para que eu sequer cogitasse me aproximar dele.

Agora os *e se?* são sobre Mario.

E se a gente se tornar namorados de verdade em vez de só amigos que se beijam e passam muito tempo juntos?

Estou indo ao Central Park encontrar meu melhor amigo, Dylan, e sua namorada, Samantha. É a primeira vez que vou ver os

dois desde as festas de fim de ano, já que eles ficaram na faculdade no recesso de primavera. Era para a gente ter passado a noite de ontem jogando videogame, mas Dylan estava cansado da viagem, principalmente por causa da mudança de fuso horário, ainda que a diferença entre Chicago e Nova York seja de apenas uma hora. Deixei pra lá, porque Dylan sempre foi dramático assim mesmo.

Passo o resto da viagem de metrô escrevendo ideias num caderninho para o próximo capítulo do meu livro de fantasia, *A Guerra do Mago Perverso*. Terminei o rascunho dele há bastante tempo, mas percebi que a história estava confusa. Muitos momentos empolgantes estavam sendo deixados de lado porque poderiam aparecer em continuações que talvez nunca saíssem do papel, e todos os personagens inspirados em meus amigos e ex-namorados precisavam ser mais desenvolvidos e acessíveis para pessoas de fora da minha bolha.

Meu pensamento eterno: escrever é difícil.

Mario me perguntou uma vez se existe algo que eu já quis fazer além de escrever. A escrita é a única coisa na qual sou bom. Mesmo se algum outro sonho surgisse, não sei o que faria sem todo o carinho que meus amigos e desconhecidos têm pelos meus magos perversos. Arthur falava sobre os personagens como se eles fossem nossos amigos. E Dylan ama tanto a história que sonha com um bar drag na vida real, onde drag queens usam fantasias de criaturas fantásticas, como elfos e trolls. E eu nunca demonstrei o menor interesse nisso.

Adoro me conectar com as pessoas por meio das palavras.

E amo me conectar com Mario pelas palavras, tanto em inglês quanto em espanhol.

Ele é um porto-riquenho que passa tranquilamente por branco, assim como eu, mas os pais dele, ao contrário dos meus, optaram por uma criação bilíngue. Mario incorpora bastante o espanhol aos seus roteiros e disse que torce para que nenhum estúdio o obrigue a traduzir esses trechos para o público; ele queria que as pessoas tivessem que se esforçar para entender, assim como os pais dele fizeram na juventude. A forma como Mario pensa me

inspirou a me dedicar mais — e quase gritei “*Já, por favor!*” quando ele se ofereceu para ser meu professor particular.

Estou muito animado para vê-lo.

Vou precisar dividir minha atenção quando encontrar Dylan e Samantha, já que Mario também vai estar com a gente. Ele não é meu namorado, mas também é mais que um simples amigo. As coisas são muito confusas nessas circunstâncias. Tipo quando acor-do pensando nele e quero desejar bom-dia, de um jeito casual, mas então percebo que às vezes isso pode soar íntimo demais. Ou quando fico pensando em qual seria o melhor jeito de apresentá-lo aos meus amigos, apesar de eles saberem como lidamos com nosso relacionamento. Ou mesmo a forma como palavras tipo “re-lacionamento” podem parecer fortes demais, meio deslocadas se comparadas a um namoro.

Sei lá. Esse é um problema para o Ben-do-Futuro.

Mas preciso tirar o rosto lindo do Mario da cabeça, porque es-tou quase perdendo minha parada. Dou um salto do banco e corro para a plataforma quando as portas estão prestes a se fechar. Não posso chegar atrasado de jeito nenhum. Não me atraso mais. Na aula de escrita criativa, a sra. García chamaria isso de “amadureci-mento de personagem”.

Deixo a estação e ando até a entrada oeste do Central Park, na rua Setenta e Dois. Não demoro a encontrar Dylan e Samantha. Eles estão em um banco, fazendo aquela brincadeira de olhar nos olhos um do outro e dar um tapa nas mãos da outra pessoa antes que ela possa tirá-las.

Samantha bate nas mãos de Dylan.

— Peguei você! Quatro a um. Você é péssimo.

— Ei — digo e dou a volta no banco —, posso participar tam-bém?

Dylan sorri.

— Sempre tem espaço para você na nossa cama.

— Não falei nada sobre a sua cama. Eu...

Dylan me manda ficar quieto enquanto se levanta e me puxa para um abraço, dando tapinhas no topo da minha cabeça.

— Senti saudade, cara.

— Também senti. E já não aguento mais você — digo com um sorriso.

O cabelo do Dylan cresceu a ponto de ele finalmente conseguir fazer o coque que tanto queria e que fica ótimo nele — e se você perguntar, ele vai dizer que é a única pessoa que consegue ficar estilosa com esse penteado. Está arrasando com uma camiseta nova da Kool Koffee e calça jeans azul.

— Tem um café bonitinho por aqui. Se prepare para beber todos os *shots* de *espresso*, meu grãozinho de café. Benzinho de café? Grãozinho de Ben?

— Voto em nenhuma das alternativas — diz Samantha.

A mistura de azul e verde dos olhos dela me surpreende tanto quanto da primeira vez que a vi atrás do balcão da Kool Koffee. Seu cabelo escuro está preso em uma coroa de tranças digna de uma imagem do Pinterest que eu deveria incluir na coleção de referências para o meu livro. Ela está usando camiseta azul-marinho por dentro de um short branco, e tem uma chave prata pendurada no pescoço.

— Oi, Ben — diz ela, me puxando para um abraço.

Estou aliviado que Dylan não a transformou em alguém que me dá apelidos.

— Bem-vindos de volta, gente.

Samantha arregala os olhos quando vê minha camiseta.

— Ai, minhas deusas gregas, amei!

Dylan também sorri.

— Aqueles magos perversos vão magicar tanto um dia.

Fiz várias mudanças na história desde que Dylan leu o livro no verão passado, antes da faculdade começar, mas o apoio dele nunca diminuiu. De vez em quando, recebo mensagem do meu amigo perguntando como está o duque Dill, personagem que criei baseado nele. Dylan tem tentado me incentivar a procurar um agente literário, mas de uns tempos para cá, me tornei perfeccionista.

Não quero decepcionar ninguém.

Esse carinho é o tipo de pressão que me deixa ansioso.

— Quero uma camiseta dessa também — comenta Samantha, sentindo o tecido da manga. — Foi você que fez?

— Mario me deu de presente — respondo.

— Super Mario! — diz Dylan. — Espero que ele não esteja cansado desse apelido, porque você sabe que vou ser obrigado a chamar ele assim.

— Ele ama, na verdade.

É o tipo de coisa que me incomodaria depois de um tempo, mas não é assim com o Mario. O mais bravo que já o vi ficar foi quando nosso colega de turma, Spikey, fez críticas pesadas ao roteiro dele. No fim, Mario só deixou pra lá porque Spikey estava com sangue nos olhos depois de a sra. García ter chamado o conto dele sobre a Guerra Civil de “historicamente impossível” e a turma toda rir.

— Mas e aí, quando o Super Mario vai surgir de um cano? — pergunta Dylan.

— Já, já. Ele está vindo do dentista. Vocês vão ter que me aguentar até lá.

— Fantástico — diz Samantha, entrelaçando o braço no meu, e começamos a andar pelo Central Park. — As coisas estão fluindo com ele?

— Acho que sim.

Me sinto meio bobo falando do Mario com Samantha e Dylan. O relacionamento deles não é confuso como o meu. Por outro lado, Mario e eu somos como um ponto de interrogação junto de uma exclamação — incertos e eufóricos.

— Precisamos arrumar um nome de casal para vocês — diz Dylan. — Acho que “Bario” fica legal, mas “Men” é a pura perfeição. “Homens”, sacou? Porque vocês dois são...

— Como foi o jantar? — interrompo, me virando para Samantha.

— Ótimo corte — diz ela. — Foi divertido. Obrigada por perguntar. Acho que compensamos o Natal.

Os pais da Samantha gostam mesmo do Dylan, mas quando descobriram que a filha estava dividindo o quarto com ele em Chicago, deu merda.

— Dylan até que se comportou. Bom, mais que de costume, pelo menos — diz Samantha. — Desculpa de novo por a gente ter cancelado a ida ao *escape room*.

— Não se preocupe. Temos o verão inteiro.

Dylan coloca os braços ao redor dos meus ombros.

— Big Ben, sabemos que a ida ao *escape room* faz parte do seu grande plano para ficar trancado em um quarto comigo por uma hora. Não precisa arrumar desculpa, viu?

— Cara, sua namorada está aqui.

— Ai, é um favor que você me faz — diz ela.

Dylan dá uma piscadinha para mim.

— Viu só? A patroa está de boa.

Paro na barraquinha de pretzel porque mais cedo só dei uma única mordida em um bagel torrado com geleia que minha mãe fez quando eu já estava saindo de casa. No jeitinho Ben Alejo de ser, derrubei o lanche nos trilhos da estação ao tirar a selfie para Mario, e um rato saiu correndo com meu café da manhã. Se eu ligasse um pouco para o TikTok, provavelmente teria viralizado.

— Vocês querem um? — pergunto.

— Me entupi de frutas — diz Samantha. — Dylan comeu o que sobrou do pato assado no café da manhã.

— Shhh — responde Dylan. — Tem patos no parque.

— Você acha que eles vão atacar?

— Um ataque de dar pena, sim.

Samantha balança a cabeça.

— Por que eu... por que eu *estou* com você?

— Porque a Máquina Mor-Dy-fera é irresistível.

— Menos, cara — digo.

— E isso é só como me refiro a mim mesmo. Espera até ouvir como chamo meu...

Samantha coloca a mão sobre a boca dele. Uma heroína da vida real.

— Dylan, você quer café?

Ele olha ao redor.

— De onde?

Aponto para a barraquinha de pretzel.

— Muito fofo, Ben. Você sabe que não vou beber esse café ruim. — Dylan se vira para o vendedor. — Sem ofensas, bom senhor, mas com muita ofensa aos idiotas que abasteceram seu negócio com essa porcaria.

O vendedor olha para Dylan como se ele estivesse falando outra língua.

— Você já está elétrico demais, de qualquer forma — digo.

— Antes de encontrar você, fizemos um esquentado com um *espresso* duplo da Dream & Bean.

— Pato assado e café logo de manhã. Por que não estou surpreso?

— Pare de agir como se não me conhecesse.

Eu o conheço muito bem. Somos melhores amigos desde o começo do ensino fundamental. Se bem que, quando Dylan se mudou por causa da faculdade, a distância afetou nossa amizade.

— Acho bom você não ficar doido de caféina antes do almoço com o Patrick — avisa Samantha.

— Patrick — repete Dylan e cospe no chão. — Arrume amigos melhores, amor. Você está vendo o Ben falando, falando e falando sobre nadar com golfinhos e abraçar macacos?

— Eu não falo sobre nenhuma dessas coisas — comento.

— Nem o Patrick — responde Samantha, me olhando de soslaio. — Ele tirou um ano de férias para viajar com o primo antes de ir para a universidade.

Um ano de férias me parece ótimo. *Anos* de férias seria melhor ainda.

— Vem almoçar com a gente, Ben. Você vai ver o quanto esse cara é exagerado.

— Você está mesmo chamando alguém de exagerado, D?

— Para você ter noção do quanto ele é fora do comum!

— Não dá. Preciso trabalhar mais tarde.

— Fala para o seu chefe que a realza está de visita.

— Você sabe que eu não posso.

Meu chefe é meu pai. Ele foi promovido a gerente na Duane Reade no fim do ano passado. Fui contratado em abril para traba-

lhar no caixa e ajudar a abastecer as prateleiras. Começar em um emprego de meio período pouco antes das provas finais só deixou as aulas mais difíceis, mas meus pais não aliviaram as coisas para mim, já que trabalhavam em período integral quando estavam na faculdade.

— Numa próxima você conhece o Patrick, então — diz Samantha. — Ele vai ficar aqui por dois meses. Talvez a gente possa ir ao *escape room* juntos.

— Você não vai me trancar com Patrick por uma hora — avisa Dylan.

— É um incentivo para você resolver os enigmas ainda mais rápido. — Samantha me cutuca com o braço, brincando. — A gente pode chamar o Mario também!

— Pode ser.

Meu celular vibra.

— Falando no Super Mario. — Leio a mensagem dele dizendo que já está vindo. — Ele está chegando. É melhor ficarmos parados em algum lugar para ele achar a gente, né?

Dylan olha ao redor e aponta para o terraço do Castelo Belvedere. Aquele lugar sempre me pareceu ter sido tirado de um livro de fantasia e colocado no meio do Central Park.

— Fala para o seu namorado que vamos esperar ali.

— Ele não é meu namorado.

— Ainda.

Isso é engraçado, porque a última vez que Dylan e eu estivemos no Belvedere foi pouco depois de eu ter conhecido Arthur na agência dos correios. A gente não conseguiu descobrir o nome um do outro antes de um flash mob nos separar, mas eu não parava de pensar nele, então Samantha deu uma de Nancy Drew investigando alguns detalhes da minha conversa com Arthur para descobrir o melhor jeito de localizá-lo. Ela ficou sabendo de um encontro para alunos de Yale que aconteceria no Castelo Belvedere, e já que Arthur tinha mencionado que queria estudar lá, tentei a sorte. Dylan decidiu que precisávamos de codinomes pretensiosos para ir ao evento e escolheu Digby Whitaker. Só me lembro disso

porque acabei dando esse nome para um personagem com perfil acadêmico em *AGMP*.

Vim aqui procurar um garoto dois anos atrás, e agora marquei de encontrar outra pessoa no mesmo lugar.

Sem sequer um olhar, a mão de Dylan acha a de Samantha e eles sobem as escadas juntos.

Andar de mãos dadas é um ato simples, eu sei, mas é muito legal ver um casal que namora há dois anos e ainda gosta um do outro — ou melhor, ainda *se ama*. Isso nunca aconteceu comigo. Me dá esperança de que alguém vai sentir o mesmo por mim um dia.

Quando chegamos ao terraço, levamos um susto. Normalmente é bem tranquilo aqui. Na maioria das vezes, tem só algumas pessoas posando para fotos com o parque ao fundo, mas hoje tem um casamento acontecendo. É uma cerimônia íntima, só com algumas dezenas de pessoas vestidas de maneira casual e uma banda tocando baixinho uma versão instrumental de “Marry You”, do Bruno Mars. Estou prestes a arrastar Dylan e Samantha para longe, para não acabarmos saindo nas fotos do evento, quando a noiva começa a caminhar até o altar.

Fico em choque.

Acho que conheço a noiva...

Quando conheci Arthur nos correios, o flash mob que nos separou era, na verdade, um pedido de casamento para a atendente que estava me ajudando a enviar as coisas do meu primeiro ex-namorado, Hudson. Ficou muito caro, e ela não foi muito solidária. Mas agora ela está deslumbrante com uma seda preta enrolada no ombro por cima do vestido branco simples, sorrindo com um grande piercing no lábio.

Primeiro o Castelo Belvedere e agora a moça daquele dia. É como se o universo estivesse fazendo o nome de Arthur Seuss piscar em um letreiro neon da Broadway.

Não falo com Arthur há meses, mas preciso lhe contar isso.

Pego meu celular e gravo um vídeo curto da noiva andando em direção ao noivo. Dylan e Samantha se abraçam enquanto assis-

tem. Abro a conversa com Arthur — a última mensagem que recebi dele foi no meu aniversário, dia 7 de abril. Não respondi porque, então... é. Não tive coragem na época, porque tudo estava dando certo para ele com o novo namorado, e eu não queria ter que fingir que meu aniversário estava sendo um dia bom. Mas eu deveria ter dito algo, pois agora vai ser esquisito falar alguma coisa.

É como se a gente não se conhecesse mais.

Abro o Instagram, rede social em que o perfil dele está silenciado pelo bem da minha sanidade. Doía demais entrar no aplicativo e ver fotos do Arthur Feliz e do Mikey Feliz sendo Arthur-e-Mikey Felizes Juntos. Eu precisava me dar um espaço; a vida já estava estressante o suficiente com a faculdade, a sensação de estar preso em casa e o fato de me sentir sozinho sem Dylan ou um namorado.

Abrir o perfil de Arthur é como arrancar um Band-Aid.

Os olhos azuis dele estão mais bonitos do que nunca na foto de perfil. As fotos mais recentes do feed são de uma caixa em seu quarto no dormitório, uma citação de Stacey Abrams (“Não importa onde a gente termine, estamos maiores do que quando começamos”), um #TBT de um Arthur mais novo com a mãe, e Arthur e Mikey segurando uma *Playbill*, uma revistinha para fãs de dramaturgia, no teatro da universidade — o que faz o sangue pulsar em minha cabeça. E então sinto um aperto no peito quando vejo uma selfie de Arthur segurando o cartão-postal do Central Park que eu lhe dei quando nos despedimos dois verões atrás; no verso, escrevi uma cena de sexo entre nossos personagens de *A Guerra do Mago Perverso*, Ben-Jamin e rei Arturo, para só ele ler.

Por que ele publicou uma foto com aquilo?

Leio a postagem:

A próxima parada da turnê de Arthur Seuss — Nova York! 17 de maio.

Ele vai voltar.

Amanhã.

Ele usou um cartão-postal do nosso passado para anunciar seu futuro.

Tem muitos comentários carinhosos de Mikey, da melhor amiga de Arthur — que se chama Jessie — e da antiga colega de trabalho dele, Namrata.

Sou o único idiota que mora em Nova York e não mostrou empolgação alguma na postagem. Seria estranho se eu curtisse a foto agora. Mas e se esse for o melhor primeiro passo para nos reconectarmos? Conhecendo a nossa sorte, é provável que a gente se esbarre por aí em algum momento. A única vez que Nova York nos manteve separados foi quando eu estava aqui e ele não.

Curto a postagem. E, apesar de estar parado, meu coração acelerou como se eu estivesse correndo.

Antes que eu possa fazer um comentário na foto, Dylan arranca o celular da minha mão.

— O amor está no ar, Ben!

— A gente nem consegue ouvir...

— *Sinta* o amor, Ben, *sinta* o amor.

— Na verdade, vi o pedido desse casamento acontecer.

— É sério? — pergunta Samantha.

— No dia em que conheci Arthur. Se lembra daquele flash mob que eu contei? Foi para esses dois.

Durante o caos na agência de correios, eu fui embora. O término com Hudson estava muito recente, e apesar de ter tido uma conversa legal sobre o universo com Arthur, eu não esperava mais nada daquilo. Em momento algum pensei que me apaixonaria pelo garoto que estava usando uma gravata de cachorro-quente.

— Que coincidência você assistir ao casamento deles — diz Samantha.

Está mais para uma conspiração do universo.

— Eles são jovens demais — declaro. — Eles têm, sei lá, uns vinte e poucos anos?

— Noivos há duas primaveras — murmura Samantha, como se tentasse ouvir os votos do casal. — Deve ser sério.

— Meus pais se casaram novos também — comenta Dylan. — Deu certo.

— Sua mãe odeia seu pai — diz Samantha.

— Ela odeia o fato de que ele mastiga de boca aberta, nunca troca o rolo de papel higiênico, mente sobre os impostos que tem que pagar e a acorda de madrugada para contar sobre os sonhos que teve, para não esquecer. Mas ela não o odeia.

Conheço os pais de Dylan — tem ódio envolvido ali, sim.

Não acredito que estou presenciando o casamento da Moça dos Correios. Quando eles se beijam no altar, gritamos como se eles fossem velhos amigos nossos, apesar de ela ter sido grosseira comigo. Nunca pensei que esse seria o primeiro casamento a que iria. Talvez eu possa usar isso em uma história um dia.

E, então, tudo fica escuro quando mãos cobrem meus olhos e uma voz familiar diz:

— Adivinha quem é, Ben Hugo Alejo.

— Alguém bastante Super — respondo.

Mario abaixa as mãos.

— E não se esqueça disso.

Me viro e olho para ele. Hoje é um daqueles dias em que a beleza natural de Mario me deixa sem ar. Ele não é só fotogênico, é bonito na vida real também. Seus olhos castanhos são muito lindos, mesmo não me chamando atenção logo de cara como os olhos azuis do Arthur. Mas quanto mais próximos Mario e eu ficamos no último mês, mais eles me encantavam. Às vezes demoramos para valorizar certas belezas, mas elas não são menos incríveis por isso.

— Então você é o Mario do Luigi do Ben — brinca Dylan.

— E você é o duque Dill do Ben-Jamin do Ben — diz Mario, indo abraçar Dylan como se já se conhecessem.

Nós já conversamos sobre como nossos pais porto-riquenhos nos ensinaram a demonstrar muito afeto, mesmo com desconhecidos, e isso é algo em que tentamos prestar mais atenção, para respeitar o espaço dos outros. Mesmo assim, esses dois parecem se atrair como ímãs. Mario se vira para Samantha.

— E você, a capista de livros mundialmente aclamada.

Samantha sorri.

— Eu mesma!

Dylan olha para ela.

— Graças a Deus você não ficou com as bochechas vermelhas. Mas, por outro lado, meu amor, como ousas? Olha este belo rapaz. Ruboriza por ele! Não deixes que esta beleza passe despercebida pelo sangue em teu rosto.

Mario se vira para mim.

— Ele é mesmo do jeitinho que você falou.

— Sou bom com as palavras.

— De fato.

Como ele pode fazer com que essas duas palavras acendam uma faísca em mim?

Quero me aproximar dele neste exato momento. O tipo de proximidade que não é permitida em um parque público. Tudo em que consigo pensar é que nem dei um beijo nele quando chegou. Ou mesmo um abraço. Um pequeno lembrete de que não somos namorados. Quero estar com alguém que não consegue tirar a boca de mim e cujas mãos sempre encontram as minhas como se elas nunca devessem ter se separado. Mas, com o Mario, nunca consigo entender se ele sequer pensa em me beijar e segurar minha mão. Às vezes, ele comenta sobre caras bonitos na rua como se estivesse me encorajando a falar com eles. Como se não fosse incomodá-lo. Eu ficaria muito desconfortável se ele flertasse com outra pessoa na minha frente.

E aí tem aqueles momentos em que a energia entre a gente muda. Momentos em que podemos esquecer que não precisamos ser namorados para aproveitar a companhia um do outro.

— Qual é a do casamento? — pergunta Mario. — São amigos de vocês?

— A noiva é amiga do Ben — diz Dylan.

— Sério?

— Longa história — respondo.

— Me conta depois?

— Conto.

— *Maravilloso* — diz Mario em espanhol e bate uma palminha. — Trouxe presentes. Mas nenhum para os noivos. — Ele pega a mochila, e de dentro tira duas camisetas de *A Guerra do Mago Perverso*.

Samantha fica boquiaberta.

— Você é o melhor! — Ela coloca a blusa nova sobre a que está usando.

— Precisei fazer uma para você, para que não me processasse. — E então Mario se vira para Dylan. — E não queria que você achasse que esqueci de você. — Ele dá uma piscadinha, mas é meio atrapalhada, como se tivesse algo no olho. De algum jeito, o gesto me encanta ainda mais que uma piscadinha sedutora.

Dylan veste a camiseta.

— Ah, meu Deus, estou vermelho. Olhem! — diz ele antes de explodir numa gargalhada que ruboriza suas bochechas. — Mario, é fascinante como alguém com sua aparência faz roupas quando deveria ficar pelado todos os dias.

— Agora quem está tentando me deixar vermelho é você! — comenta Mario.

— Ah, pronto — brinca Samantha. — Acho que nós os perdemos, Ben.

— É o que parece.

Mario pega o celular.

— Preciso tirar uma foto de vocês três com as camisetas.

— Só se você sair nela também — diz Dylan.

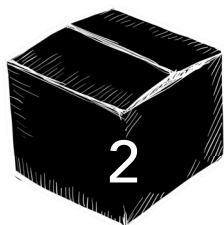
— Sim! — concorda Samantha.

— Então fechou — conclui Mario.

Coloco os braços ao redor dele, e Dylan e Samantha chegam mais perto de nós dois. Gosto muito de abraçá-lo, e mesmo depois de ele tirar a selfie, eu o seguro por mais um tempo. Vemos a foto juntos e a luz do sol trabalha a favor de todos nós, como o filtro mais generoso do mundo.

Todos parecem tão felizes, e espero que essa seja a primeira de muitas memórias que vamos registrar neste verão. E, talvez, quanto mais eu compartilhar meu mundo com Mario, mais ele queira fazer parte dele e me deixe adentrar seu mundo também.

Todo relacionamento é assim. Você começa com nada e talvez acabe conquistando tudo.



ARTHUR

Sábado, 16 de maio

MINHAS ROUPAS ESTÃO NO CHÃO e Mikey está na minha cama. Olha só, ele está *sentado* na minha cama. Encostado em uma pilha de almofadas, vestindo uma calça de pijama de flanela, usando óculos e sem camisa. Sua barba por fazer é típica de quem está na semana de provas finais. Não que eu esteja reclamando. O Mikey de Cara Amassada é meu Mikey favorito.

Ainda assim, ele é um exemplo de ordem e simetria, e dá para saber de cara quais das minhas caixas ele empacotou. São as que estão alinhadas perfeitamente na beirada da cama, cada uma identificada com caneta permanente, cheias de pilhas de toalhas e lençóis arrumadinhas. *Arthur: Roupa de cama. Arthur: Livros da faculdade.* Agora, ele está tirando as fotos das paredes, juntando todas as fitas adesivas que as prendiam em um montinho na mão.

Me jogo ao lado dele.

— Você sabe o que isso parece?

— Um bolinho de fita adesiva?

— Deixa eu fazer buracos para os olhos dele. — Enfio dois dedos no montinho e encaro Mikey de novo, com grande expectativa.

— Um bolinho de fita adesiva com olhos?

— Mikey! É aquela geleca de *Monstros vs. Alienígenas!*

— Ah. — Ele enrola mais fitas adesivas e as cola na cabeça do monstrinho como se fosse uma peruca de topete.

— É, agora ficou parecendo o Trump. — Com rapidez, amasso tudo como uma panqueca e jogo em cima da cômoda. — Muito melhor.

— Tão militante... — provoca Mikey.

— Shhh. — Me inclino para dar um beijo nele. — Adivinha?

— O quê?

— Estou entediado.

— Valeu, hein?

— De tanto *arrumar caixas*. — Afasto a franja do rosto dele e o beijo mais uma vez.

— Sabe, a gente nunca vai terminar de fazer isso se você continuar me beijando.

Apenas sorrio, porque Mikey é *tão* Mikey. Ele ainda fica com vergonha quando o beijo. Às vezes ele pigarreja e diz *Então...* Ou checa a hora, ou pergunta se a porta está trancada. Passei semanas achando que isso significava que ele estava procurando desculpas para não me beijar. Mas agora eu entendo. Mikey é uma daquelas pessoas que consegue o que quer e aí entra em pânico.

Apoio minha cabeça no ombro dele e dou uma olhada no quarto: pilhas de livros e papéis espalhados. Tudo de acordo com a minha personalidade acumuladora. Mikey, lógico, já guardou todos os pertences dele há quatro horas.

— Obrigado por estar aqui — murmuro.

Se ele quisesse, já poderia estar em Boston. Mas nós dois sabemos que não existe um universo em que Mikey não fica para me ajudar.

Enrolo uma camisa polo de listras amarelas, que roubei de uma caixa de coisas do ensino médio do meu pai, e a enfio na minha bolsa para Nova York — uma mala de lona grande, já cheia de camisetas, calças e livros. Levar toda a bagagem para o trem amanhã vai ser uma Grande Experiência, mas a essa altura eu só espero conseguir chegar em Nova York. O que não vai acontecer até eu dar um jeito nessa bagunça de trinta mil toneladas de trecos acumulados no meu quarto.

Tiro uma caixa de papelão do caminho com o pé, as mãos no cabelo.

— De que estou esquecendo? Carregadores, blusas, calças...

— Cuecas? — diz Mikey.

— Cuecas.

— Roupas para o trabalho? Terno e gravata?

— Terno e gravata? Para ficar parecendo o Engomadinho do Escritório? — Balanço a cabeça. — Michael McCowan, vou para um teatro queer off-Broadway! Se eu for vestido assim, vão me tirar do palco às gargalhadas.

— Tirar você do palco? — Michael semicerra os olhos. — Você é o estagiário de um assistente.

— Estagiário do assistente do *diretor*. Você tem ideia de quantas pessoas fizeram entrevista para essa vaga?

— Sessenta e quatro.

— Exatamente. Sessenta e quatro — respondo, me sentindo um pouco encabulado.

Talvez eu tenha enchido o saco do Mikey sobre o estágio uma ou duas ou algumas centenas de vezes. Mas que culpa tenho? Essa oportunidade é sem dúvida o suprassumo do meu trabalho dos sonhos, do tipo bom demais para ser verdade. Acho que minha ficha ainda nem caiu completamente. Em menos de uma semana, vou começar a trabalhar para ninguém menos que Jacob Demsky, roteirista ganhador de um Lambda e diretor ganhador de dois prêmios do New York Innovative Theater. Como eu não poderia pular de alegria, pelo menos um pouco?

Meio que esperava que Mikey pulasse de alegria também. Ou ao menos que tentasse não ficar com a cara do Ió, do Ursinho Pooh, toda vez que toco no assunto.

Quer dizer, eu entendo. Óbvio que sim. Já tínhamos planejado nossas férias de verão: morar em Boston, ficar no quarto de hóspedes da casa da irmã do Mikey, trabalhar em um acampamento. Não iria exatamente revolucionar meu currículo, mas essa não era minha prioridade. Tinha topado por causa do sorvete da Emack & Bolio, dos donuts da Union Square, das viagens bate e volta a

Salem e a Cape Cod nos fins de semana. Tinha topado por causa do Mikey.

Mas então Jacob Demsky anunciou o estágio e não consegui parar de pensar nessa possibilidade.

Sim, o salário seria menos da metade do que eu ganharia sendo monitor no acampamento, mas poderia economizar morando no apartamento do tio Milton. Perder esse tempo com Mikey seria péssimo, mas não é como se eu estivesse me mudando para a lua. E era só durante o verão. Além disso, não tinha motivo para me preocupar com a logística, porque Jacob nunca iria me escolher. Qualquer nerd LGBTQIA+ obcecado pela Broadway estaria sedento por essa oportunidade, e era muito provável que algumas dessas pessoas tivessem um currículo teatral mais impressionante que só algumas apresentações improvisadas de *Beauregard e Belvedere* no porão do Ethan.

Ainda assim, me entreguei de corpo e alma naquele e-mail e cliquei em enviar.

Depois, só tentei tirar aquilo da cabeça. Foquei em Boston, no Mikey e em aprender a fazer tecelagem porque, quem diria, não nasci com habilidades de um monitor de acampamento. Mas eu iria ocupar esse cargo. Em Boston. Porque Boston era real e Nova York era um e-mail que enviei em segredo e com expectativas baixas.

Até duas semanas atrás.

Nunca vou esquecer a maneira como Mikey ficou paralisado quando contei que tinham me chamado para uma entrevista pelo Zoom.

Eu o observo por um momento. Michael Phillip McCowan, meu namorado de ombros pálidos que é um poço de ansiedade. Ele está sentado abraçando os joelhos em vez de fazer contato visual comigo.

— Mikey Mouse — digo rapidamente. — Coloca “Don’t Lose Ur Head” para tocar.

Se tem um álbum que consegue arrancar um sorriso de Mikey, é a gravação original do elenco de *Six*, o musical.

Ele tira meu celular do carregador e digita a senha para desbloqueá-lo. Mas aí o rosto dele meio que... congela. Ele olha para a tela do celular sem dizer nada.

E definitivamente não está sorrindo.

Sinto meu coração palpitar.

— Está tudo bem?

— Aham.

Ele dá alguns toques na tela, e a voz de Ana Bolena começa a tocar na minha caixa de som bluetooth. Nesses momentos, Mikey costuma cantar junto em voz baixa, mas agora parece estar chateado com algo.

É como se a pressão na atmosfera tivesse mudado.

Passo a mão no canto de uma das caixas que vão ser enviadas para a casa da vovó.

— Acho melhor eu levar isso para o carro.

— E se você só... não for?

— Para o carro?

— Para Nova York.

Eu o encaro e ele me devolve o olhar através dos óculos. Vejo em seu rosto que está falando sério.

— Mikey. — Balanço a cabeça. — Tenho um trabalho...

— Você também tinha um em Boston — diz ele baixinho.

Sinto meu estômago revirar.

— Eu deveria ter contado antes, Mikey, me desculpa por...

— Para. Você não precisa se desculpar de novo. — Ele balança a cabeça, e suas bochechas estão vermelhas. — Só não estou pronto para me despedir.

— Nem eu. — Me joga na cama ao lado dele.

— Queria que você ainda fosse a Boston.

A música acaba e “Heart of Stone” começa a tocar. Pego a mão de Mikey e entrelaço nossos dedos.

— Bem, felizmente são só dois meses.

— Dez semanas.

— Beleza, dez semanas. Mas vai passar rapidinho, prometo. Não vai dar nem tempo de a gente sentir saudade um do outro.

Ele dá um sorriso triste.

— Eu meio que já estou sentindo sua falta.

Olho para ele, e o que Mikey disse me pegou tanto de surpresa que fico sem ar por um instante. *Eu meio que já estou sentindo sua falta.*

Tipo, sei que Mikey gosta de mim. Nunca duvidei disso. Mas ele não costuma ser tão direto assim.

— Eu também. Pelo menos vou ver você daqui a duas semanas.
— Toco seu ombro para que ele vire de lado na cama, de frente para mim. — E vou levar você a todos os seus lugares favoritos. O Central Park, a Times Square, a Levain Bakery e aonde mais você quiser ir.

Mikey franze a testa.

Estreito meus olhos.

— Que foi?

— Não falei nada.

— Você fez uma cara...

Mikey solta a mão da minha.

— Eu só... — Ele faz uma pausa, massageando a nuca. — Você foi a esses lugares com o Ben?

— Ah. Sim, fui. — Me sinto envergonhado de repente. — Mas isso aconteceu dois anos atrás. Eu e o Ben não nos falamos há tempos. Desde fevereiro.

Mikey dá de ombros como se não acreditasse em mim.

Mas é verdade. Faz meses desde a última vez que a gente se falou ou sequer trocou mensagens. Tentei ligar pelo FaceTime no aniversário dele, em abril, mas Ben não atendeu nem respondeu a mensagem que mandei depois.

Mikey está me olhando agora com a expressão de um cachorrinho que caiu do caminhão de mudança.

— Você vai encontrá-lo?

— O Ben?

— Vocês vão estar na mesma cidade.

— Mikey, sério. A gente não se fala desde fevereiro. Ele nem sabe que estou indo.

— Acho que ele sabe, sim.

O jeito que Mikey diz isso me deixa alarmado.

— Do que você está falando?

A música muda de novo. “I Don’t Need Your Love”. Posso jurar que consigo ouvir a batida do coração de Mikey mudando de ritmo. Ele se inclina, tateia até encontrar meu celular e o entrega para mim. A notificação do Instagram aparece assim que clico na tela.

@ben-jamin curtiu sua foto.

É a primeira vez em meses que Ben curte uma foto minha.

Sinto meu coração na boca. Tentei não deixar esse negócio do Instagram me incomodar. É normal que as pessoas se afastem, né? Principalmente quando se trata de ex-namorados.

Só não achei que isso aconteceria com *a gente*. Comigo e o Ben. Meio que pensava que nós dois éramos indestrutíveis.

No começo, a gente era mesmo.

Nunca vou me esquecer da primeira semana que passei em casa, na Geórgia, depois de deixar Nova York. Ben e eu conversamos todas as noites até a bateria dos nossos celulares acabar. E nunca passamos mais de um dia sem conversar por mensagens durante o último ano do ensino médio. Eu andava tanto pela casa falando com ele pelo FaceTime que meus pais começaram a gritar “Oi, Ben” sempre que viam meu celular. Às vezes Diego e Isabel gritavam de volta, e aí eles começavam uma conversa à parte. Ben e eu reclamávamos disso, mas acho que no fundo amávamos que nossos pais meio que eram obcecados uns pelos outros.

Quer dizer, gosto de pensar que eu e Ben meio que éramos obcecados um pelo outro também.

Pensei que as coisas continuariam assim na faculdade. Ou que tudo seria até melhor. Com certeza melhor, porque ao menos eu não precisaria lidar com os olhares sabichões da minha mãe toda vez que saísse do quarto. Inclusive, a piada vem pronta: tente não se apaixonar ainda mais pelo seu ex-namorado enquanto ele fica adorável divagando sobre estruturas narrativas em chamadas de vídeo e aguento seus pais vendo a negação estampada na sua cara. É

toda aquela situação dos pais fazendo piadas sobre namorados sem de fato você ter um.

Então é isso. Era bom ter privacidade. E o fato da Universidade Wesleyan ser próxima de Nova York era ainda melhor. Só uma viagem de trem de um pouco mais de três horas — duas, se deixasse o carro na casa da vovó e pegasse o trem de New Haven. Não é como se eu esperasse retomar o relacionamento de onde tinha parado — não necessariamente. Mas Ben parecia muito feliz por eu ir morar em um lugar mais próximo dele. Passou meses falando disso.

E então, quando de fato *cheguei* a Connecticut, as coisas ficaram estranhas bem rápido.

Nós ainda conversávamos o tempo todo, e Ben sempre dizia que sentia saudade. Ou eu acordava com mensagens longas que começavam com “lembra aquela vez que...”. Mas quando eu mencionava os itinerários do trem, ele mudava de assunto tão rápido que eu ficava zozinho.

Uma vez ele me mandou uma captura de tela da selfie que postei no Instagram, seguido de um único emoji com olhos de coração. Isso me levava a duas horas no FaceTime com Ethan e Jessie, tentando formular a maneira mais casual-porém-eficaz de responder: “Ei, acho que você está flertando de brincadeira, mas caso seja pra valer, gostaria de lembrar que não tenho um colega de quarto.”

Aquilo me deixava desconcertado e irritado, e de uma hora para outra tudo estava um caos por causa do Ben mais uma vez. Pensei em bloquear o número dele. Pensei em aparecer para conversar com ele. Mas eu estava cercado de garotos bonitos com muitas opiniões e que gostavam de beijar, então tentei aproveitar a situação. Só que sempre acabava sozinho no dormitório, dissecando as entrelinhas das mensagens do Ben.

Até Mikey aparecer.

@ben-jamin curtiu sua foto.

Não consigo parar de encarar a notificação. Ela não diz qual foto ele curtiu. Pode ter sido a postagem do dia de arrumar as caixas, lógico. Mas também pode ter sido a imagem com a citação da Stacey Abrams que repostei ontem à noite, ou a retrospectiva do Dia das

Mães que postei recentemente, ou qualquer outra coisa, na verdade. Quero tanto abrir o aplicativo que meus dedos estão quase clicando no botão sozinhos, mas não posso fazer isso na frente do Mikey.

Aquela notificação.

Queria saber o que significa.

Provavelmente nada. Talvez tenha curtido sem querer enquanto rolava o feed. Talvez nem tenha notado que curtii. Me pergunto se ele vai descurtir quando ver. Não sei se isso faria a notificação sumir, ou se eu receberia uma nova notificação, ou...

Percebo com um susto que Mikey acabou de falar alguma coisa. E não ouvi nada do que ele disse.

— Espera, desculpa. — Engulo em seco, me sentindo culpado.

— O que você falou?

Mikey me olha.

— Disse que se você quiser, deveria vê-lo.

— Mikey, eu não falo com ele desde...

— Fevereiro, eu sei. — Ele está piscando muito. — Você já falou. Algumas vezes.

Sinto minhas bochechas corarem.

— É a verdade.

Para ser exato, foi em 12 de fevereiro.

E eu odeio isso. Odeio o tanto que preciso rolar a tela para encontrar a conversa com o Ben. Odeio não saber se ele acabou a última revisão de *AGMP*, ou se os pais dele cumpriram a promessa e o forçaram a arrumar um emprego como haviam ameaçado. Odeio não saber o que ele comeu de café da manhã hoje.

Detesto que essa situação toda com o Mikey seja culpa minha. Eu é que deixei as coisas estranhas. Acho que começou quando voltamos, no Ano-Novo. Mas também não posso culpar o Mikey — não é como se ele tivesse pedido para me distanciar do Ben. Só ficava meio desconfortável e esquisito sempre que eu mencionava o nome do Ben em uma conversa.

Então parei de falar dele.

E acho que isso fez parecer que eu estava escondendo o Ben de alguma forma.

— Mikey, o Ben curtir uma foto minha no Instagram não significa que de repente somos melhores amigos de novo — declaro, tentando soar casual e descontraído. Mas até eu consigo ouvir o tom defensivo na minha voz.

Ao meu lado, vejo Mikey repetindo o tique que tem de ficar apertando a ponte do nariz por trás dos óculos. Ele fazia muito isso no primeiro semestre. Acho que só agora me dei conta de que ele tinha parado. Mikey fecha os olhos por um momento.

— Posso ser sincero com você?

— Aham. — Chego mais perto dele.

A música parou, e o silêncio parece infinito e pesado. Quando Mikey enfim fala, a voz dele não demonstra emoção alguma.

— Sei que você não tem conversado com ele. E mesmo se tivesse, confio em você, Arthur. Você nunca me trairia, sei disso. Só tenho medo.

Pressiono minha coxa contra a dele.

— De quê?

— Não sei. Acho que fico um pouco inseguro. Ele foi seu primeiro amor. Sua grande história de amor da Broadway.

— Dois anos atrás. E não o vejo desde aquela época. Você sabe disso.

Ele assente.

— É só que... e se vocês *de fato* se virem de novo?

— Mas por que eu iria vê-lo? Acho que, a essa altura, ele nem acha que ainda somos amigos.

Mikey me encara de um jeito estranho.

— *Você* acha que ainda são amigos?

Minhas bochechas ficam quentes.

— Tipo, nós éramos, né? Não sei. Ele é meu ex. Namoramos por algumas semanas, milhares de anos atrás. Mas estou com você agora. E, Mikey, gosto muito de você, muito mesmo. Gosto muito da gente.

E é verdade. Realmente gosto dele. Gosto do rosto de Mikey, de sua voz e do jeito estranho e nerd que o cérebro dele funciona, e às vezes eu o acho tão fofo que quase não me aguento. Além disso,

nós somos ótimos juntos. Mal brigamos. Ok, ele tem estado meio mal-humorado por causa de Nova York, mas sei que vamos superar isso. Sempre superamos as coisas. Porque somos adultos maduros em um relacionamento de adultos maduros, e está tudo bem, de boa e dando certo. Estou feliz.

— Gosto da gente também — diz Mikey.

Pego sua mão e a aperto.

O negócio é o seguinte: Ben foi minha grande história de amor da Broadway. Mas eu tinha dezesseis anos. Se apaixonar aos dezesseis é assim mesmo. Só porque é diferente agora, não significa que é menos real.

Observo o rosto de Mikey por um momento e começo:

— Ok, quero mostrar uma coisa pra você. Ia esperar para fazer surpresa em Nova York, mas...

Fico em pé, me espreguiço e abaixo depressa minha camiseta quando ela se levanta e deixa minha barriga à mostra, tirando um sorriso de Mikey que logo desaparece. Minha bolsa carteiro está encostada no canto da estante de livros, já pronta para a viagem. Eu a pego do chão e a levo para a cama, abrindo o zíper do bolso menor da frente.

Mikey me olha com curiosidade.

— Espera... — Fuço até encontrar uma pilha pequena de papel, dobrada três vezes, e a entrego para Mikey, que pega com hesitação. Eu o encorajo.

— Pode abrir.

Ele abre e ergue os papéis mais perto do rosto para ler, seus olhos se arregalando atrás dos óculos.

— Espera aí, é sério?

— Daqui a duas semanas. É uma sessão matinê. E nossos lugares são horríveis, só para já deixar avisado.

Mikey me olha, perplexo.

— Nós vamos ver *Six*?

— Nós vamos ver *Six*!

— Arthur, isso... é caro demais. Não precisava.

— Só queria me desculpar por estragar nosso verão...

— Você não estragou.

— Estraguei sim. — Apoio a cabeça no ombro dele. — E queria fazer algo especial, sabe? Só para nós dois.

— Arthur. — A voz dele está trêmula.

— E não foi caro — respondo depressa, erguendo a cabeça para olhar nos olhos de Mikey. — Quer dizer, foi, mas consegui um desconto. Vantagens do estágio.

— Por que, em vez do desconto, eles não aumentam seu salário?

— Não funciona assim. — Dou um beijo em sua bochecha. — Desculpa, você vai ter que aceitar e assistir ao melhor espetáculo da Broadway comigo. E quer saber de uma coisa?

Mikey sorri.

— O quê? — pergunta ele.

— Você estava certo. Vou precisar de uma gravata. O Engomadinho do Escritório vai para a Broadway. — Fico de pé de novo, examinando o quarto. — Agora só preciso descobrir onde foi que guardei as minhas.

— Na caixa de papelão perto da sua escrivaninha. Escrito *Arthur: Chique*.

Coloco as mãos no peito.

— Você separou uma caixa para roupas chiques?

— Aham. — Ele olha para mim por um momento, sorrindo com timidez. Depois, se levanta e pega a camiseta do chão. — Certo, que tal você terminar o que falta? Vou entregar a chave na secretaria e comprar comida pra gente na volta, pode ser?

— Mikey Mouse, você é meu herói. — Mesmo depois de ele sair, não consigo conter o sorriso.

Mas um segundo depois, pego meu celular.

@ben-jamin curtiu sua foto.


Parece que meu coração está tentando pular do peito. Por causa de uma notificação do Instagram. É a coisa mais ridícula do mundo.

Abro a notificação e, momentos depois, olho para o anúncio oficial do meu retorno a Nova York que postei semana passada. É uma selfie em que estou segurando um cartão-postal do Central Park, que Ben me deu da última vez que nos vimos pessoalmente.

Tem até uma cena de Ben-Jamin e Arturo escrita à mão atrás. Mas é óbvio, a única pessoa que poderia reconhecer o cartão-postal ignorou a foto por completo, como sempre.

Curtido por @ben-jamin e outros.

Até agora. Um dia antes de eu voltar para Nova York.



Em 2019, os leitores brasileiros se apaixonaram por *E se fosse a gente?*, uma narrativa cativante e divertida sobre dois garotos muito diferentes que desafiavam os poderes do universo para ficarem juntos. Os aclamados autores Becky Albertalli e Adam Silvera combinam seus talentos novamente na emocionante sequência *E se a gente tentasse?*, que traz a arte de capa americana, tão pedida e amada pelos leitores. Para comemorar o lançamento, o verso da sobrecapa de *E se a gente tentasse?* traz a nova arte de capa de *E se fosse a gente?*, para que os fãs que têm a primeira edição do livro possam embalar seu exemplar.

Será que dessa vez o universo vai dar uma nova chance para a história de amor de Ben e Arthur?

Ben sobreviveu ao primeiro ano da faculdade. Por pouco. As aulas estão puxadas, trabalhar com o pai é ainda pior, e seu melhor amigo, Dylan, está agindo de maneira estranha há semanas. Pelo menos Ben tem revisado seu livro com Mario, um garoto lindo que vem lhe dando aulas de espanhol e, de quebra, vários beijos. Então talvez não seja tão difícil assim esquecer o ex.

Após dois anos, Arthur está de volta a Nova York para fazer o estágio dos sonhos e conquistar o mundo do teatro. Apesar de ter que passar o verão longe do namorado, Mikey, ele sabe que o relacionamento é forte o bastante para superar a distância.

Só que os acasos do destino fazem com que Arthur encontre Ben outra vez, e o garoto tenta se convencer de que não há motivos para reconsiderar o futuro deles juntos. Ben, por outro lado, precisa fazer uma escolha que vai mudar tudo e alavancar seus sonhos. Se cada um deve seguir seu caminho, por que Ben não consegue parar de pensar em Arthur?

SAIBA MAIS:

www.intrinseca.com.br/livro/1174/

